



## CARTA DOS EDITORES *CIDADE ESVAZIADA*

A COVID-19 distinguiu o corrente ano de 2020 de forma inesperada. A pandemia manifestou-se como um evento realmente novo, invasivo e surpreendente. Cruzando fronteiras, o alcance da moléstia parece estabelecer um novo limiar, não mais ditado por territórios, grupos sociais ou orientações ideológicas, e sim por novas formas de estar e de viver. Explicar a magnitude do ocorrido é tarefa ingente que evidencia a falta de recursos teóricos em muitos intelectuais. Por outro lado, pretender avaliar a situação atual pela rasoura das costumeiras convicções é, de antemão, expediente fracassado, pois a crise ultrapassa o âmbito sanitário e aprofunda os contrastes: vidas ceifadas, desigual distribuição de riscos, choque de cosmovisões, falta de previsibilidade, carência de projetos, falência de empreendimentos, esvaziamento da arena política.

Várias posturas intelectuais disputam o enquadramento epistemológico da pandemia. Por exemplo, o clássico claro-escuro das relações entre natureza e cultura retornou no debate entre os que defendem a vingança do Planeta contra os abusos ecológicos, na linha da filósofa da ciência Isabelle Stengers, e os que advogam pela existência do “antropoceno”, isto é, um novo período geológico marcado pela força destrutiva da humanidade predadora. Outra disjuntiva, de cunho geopolítico — a qual já servira para distinguir entre Ocidente e Oriente, e que é brilhantemente explorada pelo ensaísta Byung-Chul Han —, conduz ao debate sobre qual seria o sistema mais adequado de combate ao coronavírus: ou o soberano europeu de gestão social do território, ou o intrusivo asiático de controle individual dos súditos. Para uns, o modelo ocidental seria preventivo e democrático, embora custe vidas; para outros, o asiático seria preditivo e autoritário, porém mais eficaz para evitar os óbitos.

No Brasil, entretanto, o dilema é percebido em outro nível. A polarização política, agudizada a partir de 2013 pela rejeição popular ao governo em suas várias esferas, parece ter chegado ao paroxismo. Poucos pensam como Slavoj Žižek, em cuja opinião estamos todos no mesmo barco, como se a pandemia não distinguisse privilegiados e desprovidos. Para os pessimistas, sem dúvida o tsunami da COVID-19 lançou a sociedade inteira no mesmo mar, mas cada um precisa cuidar do próprio barco para não afundar, haja vista a incapacidade dos governantes para gerir a crise da nação. Contrariamente, os otimistas esperam pelo retorno da anterior normalidade, deplorando que alguns sejam colhidos pelo azar, como, aliás, é comum acontecer a cada surto epidêmico. Em tão grande confusão, não surpreende a coincidência do pensamento de alguns setores da direita com o do anarquista Giorgio Agamben, que veem na reação

à pandemia mais uma invenção biopolítica do Estado controlador. Não é nada cômodo optar entre tais esperanças, pois o igualitarismo de oportunidades parece desmentido pela aleatoriedade das infecções. Ademais, o desencontro de informações e o desacordo civil fazem suspeitar da instrumentalização política e econômica do controle social.

Independentemente do consolo teórico proporcionado a cada grupo social que adira a tais narrativas explicativas, a constatação do vazio das cidades causou nos habitantes dos grandes aglomerados um desalento não pequeno, como reversão do longo processo de ajuntamento vivido ao longo dos tempos, sobretudo na perspectiva dos idosos. Se a vizinhança era um paliativo para o crescente isolamento — a ponto de o Reino Unido criar um órgão para lidar com a solidão —, o que fazer quando o afastamento social se torna regra?

A fim de adaptar as dinâmicas do IHGRJ à peculiar atual situação, quis nossa nova presidente, com o aval do seu conselho, transferir os eventos para o meio digital. Como registro histórico, a relação das palestras e encontros havidos nas seções mensais do Instituto consta da última seção da Revista, denominada “Discursos e saudações”, lado a lado com o “Relatório da gestão na presidência 2016-2019”, feito pela Professora Neusa Fernandes ao concluir seu mandato, além do “Discurso de posse na presidência do IHGRJ” da Professora Lená Meireiros de Menezes.

Na seção “Artigos”, o leitor terá quatro ótimos textos: primeiro, “A forma da tradição: a história fluminense e suas variações historiográficas”, em que Paulo Knauss, passeia, com maestria pela escrita da história fluminense, entendida como a história regional do Rio de Janeiro; segundo, “Ao Rei dos Mágicos: a loja carioca que vendia o extraordinário no século XIX”, em que Viviane Santos de Oliveira, lançando mão da micro-história, e focando uma loja havida na cidade do Rio de Janeiro, analisa prática dadas como mágicas; terceiro, “No rastro do Conde de Bobadela”, em que Neusa Fernandes focaliza do governo de Gomes Freire de Andrade, com destaque para o Aqueduto da Carioca; quarto, por fim, “150 anos do Censo da Corte m 1870. Figueira de Mello, figura pública eminente”, em que Nelson de Castro Senra, lança um olhar sobre o censo que serviu como início do censo geral de 1872, dando realce ao seu gestor, notável homem público.

Seguindo, na seção “Esboço temático”, estão três textos: “Veredas da arquitetura modernista no Rio de Janeiro”, de Nireu Cavalcanti; “Miran de Barros Latif, o trópico e a Arquitetura”, de Alex Nicolaeff; e, “A presença dos cristãos-novos na colonização do Brasil”, de Marcelo Miranda Guimarães. Nos três textos são feitos enfoques abrangentes nas temáticas propostas, e todos estão em acordo ao sentido dessa seção, como exposto no editorial da Revista passada, quando

a criamos.

Na seção “Resenha de livros”, que segue, três livros foram analisados: primeiro, *História do Rio de Janeiro em 45 objetos*, por Elias Thomé Saliba; segundo, *O Rio de Janeiro entre conquistadores e comerciantes*, por Denise Porto; e, por fim, *‘O Reino, a Colônia e o Poder’ um marco na história de São Paulo*, por Nireu Cavalcanti. Todas sendo resenhas bastante estimulantes, e mesmo a última que não diz respeito (diretamente) ao Rio de Janeiro, cidade e estado, bem deverá interessar aos historiadores, pela forma como aborda suas temáticas.

Concluindo, gostaríamos de agradecer, primeiro, aos autores que nos prestigiaram com seus textos; segundo, aos avaliadores (alguns sendo do Conselho Editorial, mas nem todos) que não mediram esforços em atender com presteza, e a máxima eficiência, aos nossos pedidos de pareceres (a todos enviamos os devidos certificados atestando suas participações). Sem eles não haveria essa Revista, por certo em crescente qualidade, para honra do IHGRJ.

**Nelson de Castro Senra & João Carlos Nara Júnior**

